

Unidade 7



O uso de drogas no Brasil

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- Contextualizar o consumo de drogas na realidade epidemiológica brasileira.

O QUE ABORDAREMOS NESTA UNIDADE?

Temática: O uso de drogas no Brasil

Vídeo: *Quando falta calor*

Texto:

O consumo de drogas psicotrópicas na sociedade brasileira

Atividades de aprendizagem:

Fórum temático

Atividade colaborativa

Exercício objetivo



Tópicos para aprofundamento

- No cenário epidemiológico do consumo de drogas no Brasil, destaca-se a predominância das drogas lícitas (álcool e tabaco) tanto por adultos como pelos adolescentes estudantes das escolas públicas.
- O consumo de bebidas alcoólicas pelos adultos constitui fator de risco para os adolescentes e jovens que encontram como exemplo e referência um contexto de estímulo e de tolerância a esse consumo, sem conscientização dos prejuízos atrelados ao hábito de beber pelas famílias e pela sociedade.
- Face à oferta para o consumo de drogas, uma ação preventiva importante é a construção de posturas reflexivas e críticas sobre as experiências e o desenvolvimento de habilidades para realizar opções em favor de uma vida saudável.
- O trabalho preventivo nas escolas representa um desafio aos educadores na medida em que a oferta e os estímulos para o consumo de drogas são uma constante na vida dos jovens.
- Os dados epidemiológicos apontam para um cenário nacional no qual a prevenção do uso de álcool e outras drogas exige um amplo trabalho de conscientização, incluindo as famílias e a comunidade.
- O consumo de drogas por estudantes apresenta correlações com questões de aprendizagem que podem e devem ser observadas pelos educadores, no cotidiano da sala de aula.



Nesta unidade, aproveite para conhecer um pouco mais sobre a questão das drogas no Brasil. Reflita com seus colegas de curso e da escola sobre o assunto. Continue seus estudos e tenha um bom aproveitamento dos conceitos, informações e discussões sobre os textos.



Assista ao vídeo 7 – *Quando falta calor...*

Comece esta unidade assistindo ao vídeo 7, que retrata como o consumo de drogas de algum membro da família afeta todas as pessoas que fazem parte do sistema familiar.

Entre as drogas consumidas no nosso país, a que mais danos sociais tem causado é o álcool. Em continuidade ao programa de estudos sobre Prevenção do Uso de Drogas, vamos conhecer dados estatísticos que mostram que o consumo de drogas lícitas é significativamente maior do que o das demais.

Resumo do vídeo – *Quando falta calor...*

Destaca-se, no enredo do vídeo, a situação pela qual Pedro passava: o pai do estudante embriagava-se e discutia com a esposa. Um dia, o estudante chamou a polícia e o pai foi preso por ter espancado a mãe. A partir disso, a mãe caiu em depressão e ocorreu a sua demissão do emprego. Ela passou a culpar o filho por todos os problemas da família. O estudante se ressentiu, e o rendimento na escola foi prejudicado. Nesse enredo de tantos prejuízos pela condição familiar do estudante, fica destacado o contexto da frequência do alcoolismo nas famílias brasileiras e a importância do trabalho preventivo que também possa incluir a família.

Nesse episódio é possível verificar o quanto o consumo abusivo de álcool pelo pai trouxe transtornos tanto para a família quanto para o aluno na sua vida escolar.

O rendimento escolar é consequência de vários fatores e os profissionais de educação devem estar atentos e investigar o desempenho do aluno. Isso é bem demonstrado no vídeo, que trata sobre o apoio que a escola deve dar ao estudante.

Para refletir



O vídeo de hoje chama-se *Quando falta calor*. O que esse título lhe sugere? Reflita sobre as seguintes questões:

- A escola tem conhecimento de quais são as drogas mais consumidas na comunidade em que ela está inserida?
- Será que esses são os únicos indícios nos quais a escola deve se apoiar para prever possíveis situações de risco?
- Que tipo de atividades sistemáticas sua escola poderia propor para identificar precocemente as situações de risco para o consumo de drogas entre os estudantes?

Vamos apresentar um texto que descreve os padrões de consumo de drogas na sociedade brasileira.

Os estudos epidemiológicos sobre a realidade do uso de drogas pela população brasileira e em especial pelos estudantes das escolas públicas vêm confirmar a importância da prevenção na escola.

O CONSUMO DE DROGAS PSICOTRÓPICAS NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Ana Regina Noto

José Carlos F. Galduróz

Solange A. Nappo



O termo epidemiologia diz respeito ao estudo da distribuição dos estados ou acontecimentos relacionados à saúde da população. No que se refere às questões relacionadas ao uso de drogas psicotrópicas, a epidemiologia oferece condições para que se faça um diagnóstico da situação, levando em conta o número de usuários e dependentes e outros acontecimentos, como acidentes de trânsito, óbitos, internações hospitalares ou apreensões de drogas psicotrópicas pela polícia, entre outros. Esse diagnóstico possibilita um planejamento mais adequado das políticas públicas.

Os estudos epidemiológicos mais recentes também buscam investigar fatores associados ao risco ou proteção. Esses fatores são assim denominados por envolverem características biológicas, psicológicas ou sociais, mais (risco) ou menos (proteção) associadas ao uso indevido de substâncias. Assim, os processos preventivos mais atuais buscam minimizar fatores de risco e potencializar fatores de proteção. Alguns fatores não são passíveis de intervenção, como os biológicos (por exemplo, genéticos). Assim, a prevenção é fundamentada em intervenções frente a fatores sociais e psicológicos, como: relacionamento familiar, autoestima, religiosidade, oferta de drogas, percepção de risco, informação sobre drogas, perspectiva de futuro, entre inúmeros outros.

As informações epidemiológicas disponíveis ainda estão longe de possibilitar uma avaliação completa do consumo de drogas no Brasil. As pesquisas realizadas até muito recentemente, em geral, restringem-se a populações específicas e a regiões determinadas. Mais raros ainda são os estudos de acompanhamento de mudanças ocorridas ao longo dos anos. No entanto, as pesquisas têm sido cada vez mais frequentes e oferecem algumas pistas a respeito do contexto de uso de drogas psicotrópicas na sociedade brasileira.

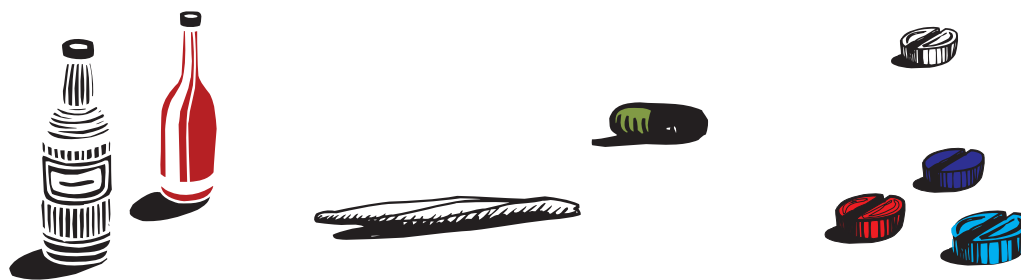
O Panorama Brasileiro

No início da década de 1980, o Brasil não dispunha de dados epidemiológicos consistentes em relação às drogas psicotrópicas. Essa falta de dados, associada à abordagem alarmista, permitiu que se instalasse um verdadeiro pânico em torno do uso de drogas ilícitas, como maconha, cocaína, LSD e heroína, sobretudo entre estudantes.

A epidemiologia sobre o uso de drogas no Brasil começou a se desenvolver somente a partir do ano de 1987, com uma série de estudos desenvolvidos pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) do Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo. Esses estudos mostraram a existência de duas abordagens distintas em relação às drogas psicotrópicas: uma, de natureza emocional, com base no senso comum, e outra, mais realista, fundamentada em resultados de pesquisa.

Na situação dominada pela abordagem emocional, predominava a ideia de uso indiscriminado de drogas, especialmente ilícitas e com tendência à rápida disseminação. Por sua vez, a abordagem realista mostrava, de um lado, um número relativamente reduzido de usuários, com o predomínio do uso das drogas lícitas, excetuando-se o álcool, os solventes e os medicamentos psicotrópicos, e de outro, uma tendência à estabilidade.

Na década de 1990, não só alguns desses estudos foram repetidos, como outros foram iniciados, o que permitiu um acompanhamento mais sistemático e mais contínuo da situação. Entre esses, apresentaremos apenas os mais abrangentes, envolvendo várias regiões do país, e aqueles que, por terem sido repetidos ao longo dos anos, permitiram o acompanhamento das mudanças ocorridas.



Os estudos sobre bebidas alcoólicas

Os dados existentes mostram que o álcool aparece com destaque, sendo, sem sombra de dúvidas, a droga mais consumida no Brasil e a responsável pelos maiores índices de problemas decorrentes de seu uso. Levantamentos domiciliares indicam que aproximadamente 12% da população adulta, embora em diferentes níveis, preenchem critérios diagnósticos de dependência do álcool.

Outro dado importante sobre o consumo de bebidas alcoólicas é que ele não se restringe à população adulta, sendo também frequente entre adolescentes, como destacado no V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras, de 2004:

1º – Cerca de 65,2% dos estudantes afirmaram ter consumido bebidas alcoólicas pelo menos uma vez na vida.

2º – 44,3% dos estudantes entrevistados haviam feito uso de bebidas alcoólicas no mês que antecedeu a entrevista.

3º – Aproximadamente 11,7% faziam uso frequente de bebidas, ou seja, álcool seis ou mais vezes no mês que antecedeu a pesquisa.

4º – Cerca de 6,7% faziam uso pesado de bebidas alcoólicas, ou seja, fizeram uso vinte ou mais vezes nos trinta dias que antecederam a entrevista.

Em estudo posterior, o VI Levantamento sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras constatou que o uso do álcool entre estudantes caiu para 60,5%. O uso no mês caiu para 21,1%, o uso frequente caiu para 2,7%, e o uso pesado caiu para 1,6%.

Este novo estudo também revelou que apenas para o uso pesado há mais estudantes usando o álcool nas escolas públicas. Para todos os outros padrões o uso é maior nas escolas particulares.

Vale ressaltar que o consumo de bebidas alcoólicas, muitas vezes, ocorre pela primeira vez no próprio ambiente familiar, sendo a cerveja a bebida mais citada pelos entrevistados. O fato de alguma pessoa em casa consumir bebidas alcoólicas aumenta a chance de o adolescente também consumir.

O consumo “binge” (consumo, em uma mesma ocasião, de 5 ou mais doses para homens; 4 ou mais doses para mulheres) equivale a embriaguez e foi observado entre 1/3 dos estudantes do ensino médio da rede particular do município de São Paulo em 2008. Nesse estudo, entre os fatores protetores estudados, passíveis de intervenção, foram identificados aspectos familiares, como o modelo de consumo e a negociação de limites para saídas com amigos. Religiosidade também apareceu associada à proteção.

Estudos também são realizados entre pessoas que buscam tratamento em função de abuso ou dependência do álcool. Em um levantamento realizado pelo CEBRID, foram analisadas as internações ocorridas por dependências e psicoses por drogas psicotrópicas de 1987 a 2008. Os resultados indicam o álcool como responsável por quase 90% das internações, sendo que a maioria dos internados encontra-se na faixa entre 31 e 45 anos, com predomínio do sexo masculino, na proporção de 15 homens para uma mulher.



Estudos sobre outras drogas psicotrópicas

Como descrito anteriormente, até o ano de 1998, não existiam estudos publicados sobre o consumo de psicotrópicos na população em geral, mas apenas levantamentos envolvendo populações específicas, como é o caso dos estudantes de 1º e 2º graus e de crianças e adolescentes em situação de rua, dos quais iremos falar a seguir.

O consumo de drogas entre estudantes do ensino fundamental e médio

Conforme vimos, foi realizado em 2004 o V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras e, em 2010, o VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras. No estudo realizado em 2004, 22,6% dos estudantes entrevistados afirmaram já ter ao menos experimentado outras drogas psicotrópicas, excluindo álcool e tabaco, com índices variando entre 23,1% em São Paulo e 23,4% em Porto Alegre. Isso quer dizer que quase 1/4 dos alunos já haviam experimentado drogas diferentes do álcool ou do tabaco. Por outro lado, também indica que a maioria dos estudantes nunca usou outras drogas. Em 2010 o percentual aumentou para 24,6%.

Esse mesmo estudo aponta os solventes como as drogas psicotrópicas mais citadas, com 15,5% dos estudantes admitindo já terem feito uso de algum tipo de inalante pelo menos uma vez na vida, entre as quais a cola de sapateiro ou lança-perfume. Em 2010 esse percentual diminuiu para 8,1%. Em 2004, o uso de pelo menos uma vez na vida das demais drogas foi citado na seguinte ordem:

- 12,0% para os energéticos
- 5,9% para a maconha
- 4,1% para os calmantes ou ansiolíticos
- 3,7% para os medicamentos para emagrecer ou anfetaminas
- 2,0% para a cocaína



Em 2010, o uso de energéticos com álcool pelo menos uma vez na vida foi afirmado por 15,4% dos estudantes. O uso de maconha subiu 0,2%, o de calmantes subiu 1,2%, as anfetaminas diminuíram em 1,5% e o de cocaína subiu 0,5%.

Esse panorama é diferente quando se comparam os jovens do sexo masculino e do feminino. O consumo de maconha, cocaína e solventes predomina entre os jovens do sexo masculino, enquanto o consumo de calmantes e medicamentos para emagrecer é mais frequente entre o sexo feminino. No que diz respeito ao fator socioeconômico, os estudantes que declararam ter feito uso de psicotrópicos estavam distribuídos de forma semelhante nas diferentes classes sociais. Em 2010 foi acrescentado ao estudo o critério de escolas públicas e particulares. O uso de maconha, cocaína, crack e tabaco foi maior nas escolas públicas. Para drogas como anfetaminas, solventes, ansiolíticos, esteróides, êxtase, LSD e álcool, foi constatado percentual maior de usuários nas escolas particulares.

Esse resultado sugere certa semelhança do consumo para os diferentes níveis socioeconômicos com relação aos estudantes da rede pública, ou seja, o consumo não é mais intenso numa determinada classe. Porém, estudo recente realizado na rede particular indica algumas diferenças.

O consumo de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua

Nos levantamentos realizados com crianças e adolescentes em situação de rua, em 1987, 1989, 1993, 1997 e 2003, foram observados índices elevados de uso de drogas psicotrópicas. O estudo feito no ano de 1997 em Brasília, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo mostrou que 88,1% dos entrevistados já haviam usado drogas. Desses, 48,3% informaram fazer uso pesado delas, ou seja, terem consumido algum tipo de droga cinco ou mais vezes por semana, no mês que antecedeu a coleta de dados.

O levantamento do uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua realizado em 2003 foi o primeiro a abranger as 27 capitais brasileiras. Este levantamento mostrou que as drogas consumidas em maior intensidade (uso diário) foram o tabaco, os solventes e a maconha. O consumo diário de tabaco foi mencionado por 29,5% dos entrevistados, de solventes por 16,3% e de maconha por 11,2%. Esse perfil foi relativamente semelhante entre as capitais, exceto em relação ao tipo de solvente predominante (variando entre thinner, cola, loló, entre outros). Para as bebidas alcoólicas, o consumo diário foi mencionado por 3,0%, mas 43% dos entrevistados haviam consumido no mês (ao menos uma vez no mês que antecedeu a pesquisa), com intensidade variando predominantemente entre 1 a 19 dias/mês. O uso no mês de derivados da cocaína foi mencionado por 12,6%, mas em frequências variadas, merecendo destaque para 2,4% da amostra que relatou uso diário.

Quanto aos medicamentos psicotrópicos, os percentuais foram maiores na região nordeste, destacando-se o consumo da substância flunitrazepam, comercializada com o nome de Rohypnol®, da substância trihexiphenidil, comercializada com o nome de Artane® e da substância benzidamida, comercializada como Benflogin®. O número de usuários de medicamentos psicotrópicos em São Paulo e Porto Alegre que era elevado na década de 1980, praticamente desapareceu nos anos 1990, assim permanecendo em 2003.



II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas no Brasil – 2005

Este estudo entrevistou moradores sobre o uso de drogas das 107 maiores cidades do país (aquelas com mais de 200 mil habitantes) e da cidade de Palmas (TO), totalizando 108 cidades. No total, obteve-se 7.939 entrevistas. Os resultados permitem a análise dos dados do Brasil como um todo e das cinco grandes regiões brasileiras. Os principais achados foram:

A prevalência de uso na vida (uso pelo menos uma vez na vida) de qualquer droga, exceto tabaco e álcool, teve a maior porcentagem na região Nordeste, onde 27,6% dos entrevistados já fizeram uso de alguma droga. A região com menos uso na vida foi a Norte, com 14,4%. No Brasil, o uso na vida para qualquer droga (exceto tabaco e álcool) foi de 22,8%. Esta porcentagem é, por exemplo, próxima ao Chile (23,4%) e quase metade dos EUA (45,8%).

O uso na vida de álcool nas 108 maiores cidades do país foi de 74,6%, porcentagem inferior à de outros países (Chile com 86,5% e EUA com 82,4%). O menor uso na vida de álcool ocorreu na região Norte (53,9%) e o maior no Sudeste (80,4%). A estimativa de dependentes de álcool foi de 12,3% para o Brasil, sendo que no nordeste e no norte as porcentagens atingiram quase 14%. Em todas as regiões, observaram-se mais dependentes de álcool para sexo masculino.

O uso na vida de tabaco foi de 44% no total, porcentagens inferiores ao do Chile (72%) e EUA (67,3%). Quanto à dependência de tabaco, 10,1% preencheram critérios para um diagnóstico positivo. As maiores porcentagens de dependentes de tabaco apareceram na região Centro-Oeste (11,5%) e a menor foi observada no Nordeste (8,3%).

O uso na vida de maconha, nas 108 maiores cidades, foi de 8,8%, resultado este próximo ao da Grécia (8,9%) e da Polônia (7,7%), porém abaixo ao dos americanos (40,2%) e do Reino Unido (30,8%). A região Sudeste foi a campeã em porcentagens de uso na vida (10,3%); teve também a maior prevalência de dependentes de maconha com 1,4%, e menor porcentagem de dependentes.

A prevalência de uso na vida de cocaína, nas 108 maiores cidades do país foi de 2,9%, sendo próxima à Alemanha (3,2%). Porém bem inferiores aos EUA com 14,2% e Chile com 5,3%. A região Sudeste foi aquela na qual se verificou as maiores porcentagens (3,7%) e a menor, no Norte, com aproximadamente 1%.

O uso na vida de crack foi de 1,5% para as maiores 108 cidades do país, cerca de duas vezes menor que no estudo americano. O uso de merla (uma forma de cocaína) apareceu na região Norte com 1,0%, a maior do Brasil.

O uso de solventes foi de 6,1%, prevalência superior ao verificado na Espanha, ao redor dos 4%. Por outro lado, a prevalência do uso na vida de solventes nos EUA foi de 9,5%. A região Nordeste teve as maiores porcentagens de uso dessas substâncias com 8,4%.

O uso na vida de medicamentos sem prescrição médica teve um fato em comum: mais mulheres usaram do que os homens, para qualquer das faixas etárias estudadas, sendo quase o dobro em relação aos homens. Os estimulantes aparecem com 3,2% de usuários na vida. Os benzodiazepínicos com 5,6%, menos que o observado nos EUA (8,3%). A dependência de benzodiazepínicos foi estimada em 0,5% para o Brasil.

Surpreenderam-nos o uso na vida de orexígenos (medicamentos utilizados para estimular o apetite) com 4,3% de uso na vida para as 107 maiores cidades do país. No Nordeste as porcentagens atingiram 9,3%, as maiores do Brasil e as menores são as do Sul (1,0%). Esses resultados merecem atenção especial dos estudiosos sobre o abuso de drogas.

A heroína, droga tão citada na mídia, teve uso na vida por sete entrevistados, sendo seis homens. Dos entrevistados, 29,6% tiveram a percepção de que obter heroína era fácil.

A maconha seria a droga que mais facilmente é encontrada, segundo a percepção dos entrevistados, com 65,1% das respostas. A cocaína aparece em segundo lugar com 51,1% e o LSD-25 tem porcentagens idênticas à da heroína, com 30,0%.

Em relação à percepção do tráfico de drogas, 18,5% do total de entrevistados afirmaram ter visto alguém vendendo drogas. Quanto à percepção de compra de drogas, as porcentagens foram de 18,3%, o que mostra coerência dos entrevistados ao responderem esses itens. Se há quem vende, há quem compre.

Cerca de 60% dos entrevistados afirmaram ter visto pessoas alcoolizadas nos 30 dias prévios à pesquisa. Já a percepção de ter visto pessoas sob efeitos de outras drogas foi de 36,9%. De qualquer forma, as porcentagens são muito elevadas, o que pode ser, simplesmente, reflexo de uma hipervalorização da sociedade, delegando às drogas qualquer alteração comportamental.

A opinião dos entrevistados que consideram risco grave à saúde o uso de bebidas alcoólicas uma ou duas vezes por semana foi de 20,8%; já o uso de uma ou duas vezes na vida de maconha foi considerado um risco grave para 48,1%; ainda 77,1% dos entrevistados consideraram grave o uso de cocaína uma ou duas vezes na vida. A percepção de riscos mais que duplica na comparação entre álcool e maconha e quase triplica quando o álcool é comparado à cocaína.

O uso diário de álcool, maconha e cocaína é considerado um risco grave para a saúde para quase totalidade da amostra, independentemente do sexo, da faixa etária e da região brasileira.

A porcentagem de pessoas que já se submeteu a algum tratamento foi a maior do país na região Norte. Para o Brasil, cerca de 10% dos entrevistados foram tratados pelo uso de álcool e/ou drogas.

As discussões foram as complicações mais frequentes decorrentes do uso de álcool e/ou outras drogas com 2,9%, sendo que 10,8% dos homens e 3,3% das mulheres já discutiram sob efeito de alguma droga. As quedas aparecem em segundo lugar com 4,4%. As demais complicações giram em torno dos 3,0%.

O governo brasileiro vem promovendo periodicamente levantamentos sobre o consumo de drogas na população em geral. Estudo semelhante a este II Levantamento foi realizado em 2001, possibilitando, desta forma, o início de uma série histórica que possibilita a gestores e formuladores de políticas públicas analisarem e avaliarem as diferentes ações implementadas, bem como fundamentarem projetos futuros. A seguir são apresentadas tabelas comparativas dos principais resultados obtidos nos dois levantamentos domiciliares sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil (2001 e 2005).

Tabela 1. Comparação entre os levantamentos de 2001 e 2005 de uso na vida de qualquer droga (exceto tabaco e álcool) entre os entrevistados das 108 cidades com mais de 200 mil habitantes do Brasil.

Uso na vida de qualquer droga (exceto tabaco e álcool)
19,4% (Ano de 2001)
22,8% (Ano de 2005)

Tabela 2. Comparação entre os levantamentos de 2001 e 2005 das 9 drogas mais usadas entre os entrevistados das 108 cidades com mais de 200 mil habitantes do Brasil.

As 9 drogas mais usadas		
% de uso na vida		
Drogas	2001	2005
Álcool	68,7	74,6
Tabaco	41,1	44,0
Maconha	6,9	8,8
Solventes	5,8	6,1
Orexígenos	4,3	4,1
Benzodiazepínicos	3,3	5,6
Cocaína	2,3	2,9
Xaropes (Codeína)	2,0	1,9
Estimulantes	1,5	3,2

Tabela 3. Comparação entre os levantamentos de 2001 e 2005, da dependência de drogas entre os entrevistados das 108 cidades com mais de 200 mil habitantes do Brasil.

Dependência		
% de dependentes		
Drogas	2001	2005
Álcool	11,2	12,3
Tabaco	9,0	10,1
Benzodiazepínicos	1,1	-
Maconha	1,0	1,4
Solventes	0,8	-
Estimulantes	0,4	-

Alguns indicadores sobre o uso de psicotrópicos

As consequências do uso de drogas não se reduzem aos resultados dos estudos epidemiológicos. Por isso, esses resultados não devem ser avaliados isoladamente. É preciso analisá-los em conjunto, para uma melhor compreensão da questão do consumo de drogas na sociedade brasileira.

No estudo realizado pela Abdetran, em 1997, em Salvador, Recife, Brasília e Curitiba, além do álcool, as outras drogas encontradas no sangue das vítimas de acidentes de trânsito foram:

- maconha, em 7,7% dos casos
- calmantes, em 3,4% dos casos
- cocaína, em 2,3% dos casos
- barbitúricos, em 1,5% dos casos
- anfetaminas, em 0,6% dos casos
- opiáceos, em 0,3% dos casos

Recentemente, no estudo realizado pela SENAD, na cidade de Porto Alegre, entre outubro e novembro de 2009, também com vítimas de acidentes de trânsito hospitalizadas, as drogas encontradas no sangue das vítimas foram:

- álcool, em 8,3% dos casos
- maconha, em 9,5% dos casos
- benzodiazepínicos, em 4,3% dos casos
- anfetamina, em 1,4% dos casos
- cocaína, em 6,7% dos casos



Constata-se, portanto, que é alto o índice de drogas encontrado no sangue das vítimas de acidente de trânsito, principalmente o álcool, mas é igualmente preocupante a constatação da presença considerável das outras substâncias psicoativas que alteram significativamente nosso comportamento. Nem sempre as consequências do uso dessas substâncias limitam-se ao próprio usuário. O atual Código Nacional de Trânsito prevê sanções no caso de motoristas que façam uso de droga psicotrópica e venham a dirigir. Vejamos dois artigos do Código:



Art. 165 – Dirigir sob a influência de álcool, em nível superior a seis decigramas por litro de sangue, ou qualquer substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica.

Art. 166 – Confiar ou entregar a direção de veículo a pessoa que, mesmo habilitada, por seu estado físico ou psíquico, não estiver em condições de dirigi-lo com segurança.

Os dados obtidos dos relatórios oficiais de internações hospitalares por dependência de droga, ao longo do período 1987-1995, indicam que, excluindo-se o álcool, a cocaína atualmente é a responsável pelo maior número dessas ocorrências. Essa posição era ocupada, até 1990, pela maconha. Observa-se, portanto, que houve um aumento gradativo do número de internações motivadas pelo consumo de cocaína, acompanhado da diminuição dos casos de maconha.

Fenômeno semelhante também foi observado no que se refere às apreensões de drogas pela Polícia Federal ao longo dos últimos anos, ou seja, um aumento das apreensões de cocaína acompanhado da diminuição das apreensões de maconha.

Os resultados dos estudos epidemiológicos mostram um inquestionável aumento da disponibilidade e do consumo de cocaína no Brasil, bem como dos problemas decorrentes do seu uso. No entanto, em relação à maconha, embora o consumo entre os estudantes tenha aumentado, observa-se uma redução das apreensões pela Polícia Federal e das internações hospitalares, o que poderia ser interpretado como um fenômeno de tolerância social em relação ao consumo dessa droga.

I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e outras drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras – 2010

Nesse levantamento inédito, realizado pela SENAD em parceria do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (GREAFMUSP), foram entrevistados 17.660 universitários de todas as capitais do país, de 100 Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas. Os principais dados obtidos foram:

- 49% dos universitários pesquisados já experimentaram alguma droga ilícita pelo menos uma vez.

Do grupo dos universitários que se declararam menores de 18 anos, 80% dos entrevistados afirmaram já ter consumido algum tipo de bebida alcoólica.

- 86% dos universitários já fizeram uso na vida de álcool e 47%, de produtos de tabaco.
- 22% dos universitários estão sob risco de desenvolver dependência de álcool e 8%, de maconha.

- 36% dos universitários beberam em *binge* nos últimos 12 meses e 25% nos últimos 30 dias.

Cerca de 40% dos universitários usaram duas ou mais drogas nos últimos 12 meses e 43% relataram já ter feito uso múltiplo e simultâneo de drogas na vida. Desses 43%, 47,8% alegaram como motivação do uso “simplesmente porque gostavam ou porque lhes possibilitava esquecer os problemas da vida”.

- 18% dirigiram sob efeito de álcool e 27% pegaram carona com motorista alcoolizado.

A prevalência de abuso de álcool foi maior entre os universitários que na população geral. Já a dependência foi encontrada com maior prevalência para a população geral.

O uso de substâncias ilícitas é maior entre os universitários das regiões Sul e Sudeste de instituições privadas da área de Humanas do período noturno e por universitários com idade acima dos 35 anos. Não foi observada a interferência de gênero sobre o uso geral de drogas.

A prevalência do uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas é semelhante entre universitários brasileiros e norte-americanos, salvo algumas particularidades: o uso de maconha é maior entre os universitários norte-americanos e o uso de inalantes é maior entre os universitários brasileiros.

- 21% dos universitários fazem uso de produtos do tabaco.

O risco de desenvolver abuso/dependência para maconha é maior entre os homens e de anfetamínicos e tranquilizantes, entre as mulheres.

- 8% dos universitários já fizeram (ou induziram) aborto. Embora não haja influência aparente do gênero, a faixa etária (mais de 35 anos), tipo de Instituição de Ensino Superior (IES) privada e região administrativa parecem exercer influência sobre esse comportamento.
- 9% não possuem o hábito de utilizar métodos contraceptivos, 3% já forçaram ou foram forçados a se engajar em intercurso sexual e 41% declararam já ter feito o teste para detecção do vírus HIV.

Esses dados surpreendem, o que reforça a necessidade de maior conhecimento dessa população para o desenvolvimento de ações de prevenção e elaboração de políticas específicas dirigidas para esse segmento que é bastante representativo: o Brasil possui hoje 2.252 instituições de ensino superior, totalizando mais de 5,8 milhões de estudantes universitários.

A entrada na universidade inaugura um período de maior autonomia, possibilitando novas experiências, ressignificação de valores, descoberta e realização de potenciais, etc. Nesse sentido, a universidade cumpre um papel privilegiado de formação de cidadãos que é, sem dúvida, fator de proteção para seus estudantes. No entanto, se esse papel formador não tiver destaque dentro do meio universitário de maneira relevante, privilegiando-se, por exemplo, apenas o seu papel técnico-profissionalizante, o que é proteção pode se transformar em vulnerabilidade para essa parcela da população.

Considerações finais

Diante do cenário epidemiológico envolvendo a droga no Brasil, observa-se a preponderante participação das bebidas alcoólicas tanto no consumo quanto nos problemas dele decorrentes. No entanto, as medidas no sentido de prevenir ou minimizar a situação ainda são muito reduzidas, sobretudo quando se constata a presença de campanhas publicitárias, cada vez mais sofisticadas, que incentivam o consumo, mascarando os inúmeros problemas relacionados.

Em relação às demais drogas psicotrópicas, vale ressaltar que, nos últimos anos, as mudanças não foram muitas. Em geral, as alterações são negativas, especialmente no que se refere às drogas ilícitas, entre as quais a maconha e a cocaína. Esse quadro sugere que as medidas adotadas nesses últimos anos não tiveram a eficácia esperada, sendo necessário buscar novas soluções para a questão.

No que diz respeito ao tipo de informação divulgada nos meios de comunicação de massa, como o rádio, os jornais e a televisão, por um lado prevalece a tolerância em relação ao álcool; por outro, domina a visão

alarmista sobre as drogas ilícitas, como a maconha, a cocaína/crack, entre outras, gerando uma situação de pânico que torna o problema ainda mais difícil de ser enfrentado.

A extensão e a gravidade do problema mostram que é preciso encontrar novas formas de tratar a questão, com o envolvimento de toda a sociedade. Para busca de soluções, entre estudantes, por exemplo, os dados epidemiológicos sugerem que as ações preventivas devam iniciar em idades precoces, com ênfase em drogas lícitas como bebidas alcoólicas e cigarro (tabaco). Anteriormente às drogas ilegais, o consumo de inalantes deve ser considerado como comportamento de risco entre adolescentes. No ensino médio, o padrão *binge* de consumo de álcool parece ser um dos principais comportamentos de risco entre adolescentes e, dessa forma, merece atenção especial. A orientação de pais deve ser considerada, com atenção especial a questões relacionadas à negociação de limites e exemplos familiares. Programas de prevenção devem contar com alicerce comum, mas oferecer peculiaridades por gênero, visto que meninas são maiores consumidoras de medicamentos psicotrópicos sem receita médica e meninos, de drogas ilícitas.

Estudos realizados em outros países já levantaram vários aspectos adicionais entre estudantes, os quais podem contribuir para reflexão sobre as ações a serem avaliadas no Brasil. Muitos outros fatores de proteção foram estudados e indicam que ações preventivas devem atentar ao desenvolvimento das crianças e dos adolescentes em relação a comportamentos agressivos, hiperatividade, dificuldades de aprendizado, socialização, autoestima, perspectivas de futuro, pressão do grupo, entre outros. Dessa forma, ações preventivas devem incluir várias outras esferas do desenvolvimento humano, em especial, oferecendo recursos de habilidades para a vida. Nesse contexto, o tema drogas em si passa a ser elemento secundário.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS DEPARTAMENTOS DE TRÂNSITO (ABDETRAN). *Impacto do uso do álcool e outras vítimas de acidente de trânsito*. Brasília: Cetad/ Raid, 1997, 87 p.

ALMEIDA-FILHO, N. et al. Estudo multicêntrico de morbidade psiquiátrica em áreas urbanas brasileiras. *Revista ABP-APAL*, Brasília, São Paulo, Porto Alegre, 14(3), 1992, p. 93-104.

BEAGLEHOLE, R.; BONITA, R.; KJELLSTROM, T. *Epidemiológica básica*. Washington: Organización Panamericana de la Salud, 1994, 186 p.

ANDRADE, A. G.; DUARTE P. C. A. V.; OLIVEIRA L. G. de. *I Levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras*. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Brasília: SENAD, OBID, GREA/IPQ-HCFMUSP, 2010. 284p.

CARLINI, E. A. et al. *II Levantamento nacional sobre o uso de psicotrópicos entre estudantes de 1º e 2º graus – 1989*. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – (CEBRID) – Departamento de Psicologia da Escola Paulista de Medicina, 1990.

_____. *II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país – 2005*. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina e Secretaria Nacional Antidrogas. Brasília, 2006.

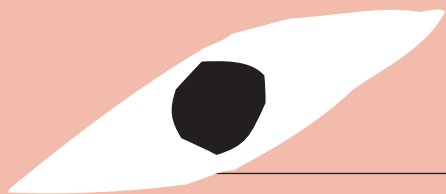
_____. *Levantamento nacional sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras – 2003*. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina e Secretaria Nacional Antidrogas. Brasília, 2004.

_____. *V Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras – 2004*. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina e Secretaria Nacional Antidrogas. Brasília, 2004.

CARLINI-COTRIM, B. Movimentos e discursos contra as drogas: o caso da sociedade norte-americana. *Revista ABP-APAL*, 17(3), 1995, p. 93-101.

CARLINI-COTRIM, B. et al. *Consumo de drogas psicotrópicas no Brasil*, 1987. Centro de Documentação do Ministério da Saúde, Brasília, 1989. p. 153 (Série C: Estudos e Projetos, 5.).

SOIBELMAN M. et al. *Consumo de álcool e outras drogas entre vítimas de acidentes de trânsito atendidas em emergências* de Porto Alegre: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2010.



Anotações

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is a small piece missing from the top-left corner of the paper. The background behind the paper is dark.